

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Especialização em Ensino e Percursos Poéticos



Monografia

Arte, Educação e Cultura:

O Programa Mais Educação na Rede Pública veiculada na região de Pelotas,
RS.

Natália de Leon Linck

Pelotas, 2015.

Natália de Leon Linck

Arte, Educação e Cultura:

O Programa Mais Educação na Rede Pública veiculada na região de Pelotas,
RS.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino e Percursos Poéticos.

Orientadora: Prof^a Dra. Larissa Patron Chaves

Pelotas, 2015.

Agradecimentos

Aos meus pais Jorge e Clélia e minha irmã Caroline, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

À toda minha família, que com muito carinho e apoio não mediram esforços para que eu chegassem até esta etapa da minha vida, em especial para o Lucas, que me acompanhou bravamente nos anos de luta.

À minha orientadora Prof^a Dr^a. Larissa, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Resumo

A partir de experiências vividas nas aulas de artes do “Programa Mais Educação” do Governo Federal na cidade de Pelotas e Capão do Leão desde o ano 2014, foram escolhidos alguns processos e a trajetória constituintes da escrita deste trabalho. Como problemática questiono quais as funcionalidades do Programa Mais Educação frente as leis governamentais e as suas aplicações nas escolas estaduais? O objetivo geral deste trabalho é investigar a aplicação da oficina de Artes do Programa Mais Educação. Partindo do desejo de contribuir com a área de conhecimento – Arte/Educação - esta pesquisa se justifica pela necessidade de se rever a aplicação do Programa Mais Educação nas escolas, mais especificadamente das oficinas de arte, partindo da utilização daquela proposta como oportunidade de aprendizagem, sensibilização e integração de disciplinas visando um melhor processo de escolarização para crianças e jovens. A partir desta concepção, referenciais fizeram parte desta pesquisa. Efland (2005) destaca que aprofundar o campo da imaginação, ou seja, instigar a imaginação das crianças é o que motiva a criação em arte, da mesma forma que, o Manual Operacional de Educação Integral (2013) mostra que é possível apreender as leis e obrigações do ensino integral, enfatizando o Programa como proposta potencializadora. Em termos de metodologia, o estudo se caracteriza por uma abordagem qualitativa descritiva e a prática em campo de atuação foi desenvolvida no Programa Mais Educação – Artes, com alunos de 2 escolas estaduais, durante o primeiro e segundo semestre do ano de 2014. Na escola do Capão do Leão foi aplicada oficinas em 3 turmas com faixa etária entre 9 – 15 anos e na escola de Pelotas em 1 turma com faixa etária de 6 – 9 anos. Dentro das oficinas mediei atividades artísticas e desenvolvimento de conteúdo em arte como suporte de observação e avaliação das funcionalidades do Programa. Observei também o desenvolvimento dos alunos, participação nas propostas, reflexão e estudo da aprendizagem como forma de investigar a aplicação das oficinas de arte no Programa Mais Educação.

Palavras-chave: arte-educação; programa mais educação; educação estética

Abstract

From experiences in the arts lessons of "More Education Program" of the federal government in the city of Pelotas and Capão do Leão since the year 2014 have been chosen some processes and constituents course of writing this work. As problematic question which features the More Education Program across government laws and their application in state schools? The aim of this study is to investigate the application of Arts workshop More Education Program. Based on the desire to contribute to the field of knowledge - Arts / Education - this research is justified by the need to review the implementation of More Education Program in schools, more specifically the art workshops, based on the use of that proposal as a learning opportunity, awareness and integration of disciplines to provide a better educational process for children and youth. From this conception, references were part of this research. Efland (2005) points out that deepening the field of imagination, i.e. instigating the imagination of children is what motivates the creation of art, just as the Integral Education Operational Manual (2013) shows that it is possible to apprehend the laws and obligations of integral education, emphasizing the Program as potentiating proposal. In terms of methodology, the study is characterized by a descriptive qualitative approach and practice playing field was developed in the More Education Program - Arts, with students from two public schools during the first and second half of the year 2014. At school the Capão do Leão was applied workshops in three classes aged between 9-15 years and the school Pelotas in one group aged 6-9 years. Within the workshops medicinally artistic activities and content development in art as an observation support and evaluation of the functionality of the program. Also observed the development of students, participation in tenders, reflection and study of learning in order to investigate the application of art workshops in the More Education Program.

Keywords: art education; more education program; aesthetic education

Lista de Figuras

Descrição	Página
Fig. 1 - Cartaz montado pelos alunos da turma T3 para festividades de copa do mundo.	26
Fig. 2 - Bandeiras do Brasil sendo feitas pelos alunos da turma T2, desconstrução e construção.	28
Fig. 3 – Paulo Bruscky, Título de eleitor cancelado.	32
Fig. 4 – Paulo Bruscky, Da descoberta: um vôo pela arte correio.	33
Fig. 5 – Fotografia clicada pela aluna Isabela da turma T3.	35
Fig. 6 – Fotografia clicada pela aluna Jennifer da turma T3.	36
Fig. 7 – Fotografia clicada pelo aluno Matheus da turma T3.	36
Fig. 8 – Fotografia clicada pelo aluno Ryan da turma T3.	37
Fig. 9 – Fotografia clicada pelo aluno Uriel da turma T3.	37
Fig. 10 – Postal montado pelos alunos da turma T3.	39
Fig. 11 – Postal montado pelos alunos da turma T3.	39
Fig. 12 - Produção de papietagem em balões.	42
Fig. 13 - Produção de papietagem em balões.	43
Fig. 14 - Produção de Arte Abstrata dos alunos da turma T2.	49
Fig. 15 - Produção de Arte Abstrata dos alunos da turma T3.	49
Fig. 16 - Arte Abstrata produzida pelos alunos da turma T2.	50
Fig. 17 - Arte Abstrata produzida pelos alunos da turma T3.	50

Sumário

1 Introdução.....	8
2 O Programa Mais Educação – da Legislação à Prática.....	12
2.1 O Ensino Integral e a Proposta do Governo Federal.....	12
3 A Ação de uma Arte/Educadora no Mais Educação.....	19
3.1 Antecedentes de uma Primeira Experiência na Arte/Educação.....	19
3.2 Relato de uma Ação: o Mais Educação e a Questão do Ensino da Arte na Atualidade.....	24
Considerações Finais.....	47
Referências.....	53
.	

Capítulo 1.

Introdução

A partir de experiências vividas nas aulas de artes do “Programa Mais Educação” do Governo Federal na cidade de Pelotas e Capão do Leão desde no ano 2014, foram escolhidos alguns processos e a trajetória que constituem a escrita deste trabalho. Para além da vivência do professor nas aulas de artes, incluído em um projeto, discuto como o processo promove a sensibilização dos próprios alunos.

Minha formação como professora de arte visa à contribuição da sensibilização, formação artística e criativa dos alunos, ampliando o repertório visual e aperfeiçoamento das possibilidades de comunicação e expressão dos estudantes no qual utilizo recursos diversos. Com esses subsídios é possível possibilitar a compreensão e percepção dos estudantes sobre a arte. Essa objetivação do trabalho como professora de arte é transbordada por tantas outras questões, tais como o fazer artístico, a fruição, a imersão no diálogo com a arte e com o mundo, capaz de tornar, nesse sentido, uma formação mais completa para o sujeito.

A partir de um movimento que acompanhe a formação integral do aluno na escola, e que possibilite mais tempo de formação desse aluno, o governo federal investiu nos últimos cinco anos em programas que visam diferentes tipos de ações complementares, tais como o Programa Mais Educação.

O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral (<http://portal.mec.gov.br/>).

Esta iniciativa objetivou fomentar o desenvolvimento de atividades nas escolas no campo de acompanhamento pedagógico, educação ambiental, esporte e lazer, direitos humanos em educação, cultura e Arte, cultura digital e

etc., com o intuito de funcionar em turno inverso às aulas e manter a escola com jornada integral para os alunos.

O Programa ajuda mães de alunos que muitas vezes deixam os filhos sozinhos em casa para trabalhar e que, sem amparo, acabam por se desviar do caminho, da trajetória escolar. Sua estrutura também conta com alimentação, e atividades de saúde alimentar e higiênica, além de inúmeras atividades sociais.

Quanto à cultura e a arte, a oficina de artes, onde se incluem as linguagens artes visuais, música e teatro, deveria abordar, no caso de artes visuais, técnicas, experimentações, conteúdo teórico, sensibilizações, entre outras propostas; em teatro, dramatização, personificação de personagens, narrativas, entre outros, e por fim, a música, com aprendizagem de instrumentos, sensibilização, e etc. Com isso, destaco como tema desta monografia, a Arte/Educação como experiência e como área relevante no Programa Mais Educação.

Como problemática questiono quais as funcionalidades do Programa Mais Educação frente as leis governamentais e as suas aplicações nas escolas estaduais?

Partindo do desejo de contribuir com a área de conhecimento – Arte/Educação - esta pesquisa se justifica pela necessidade de se rever a aplicação do Programa Mais Educação nas escolas, mais especificadamente das oficinas de arte, partindo da utilização do Programa como oportunidade de aprendizagem, sensibilização e integração de disciplinas como caminho para oportunizar crianças e jovens a um melhor processo de escolarização.

Somado a essa questão, o tema da análise das funcionalidades do Programa Mais Educação entre as leis governamentais até as aplicações nas escolas estaduais é pouco trabalhado na academia. E a partir do aprofundamento de leis e cartilhas governamentais, tais como: Manual Operacional de Educação Integral (BRASIL, 2013), Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (BRASIL, 1998), Manual de Educação Integral em Jornada Ampliada para Obtenção de Apoio Finaceiro (BRASIL, 2011) entre outras

bibliografias, foi possível observar a necessidade de estudar a aplicação dessas leis no Programa Mais Educação, mais especificadamente na oficina de Artes.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é investigar a aplicação da oficina de Artes do Programa Mais Educação em duas Escolas Estaduais nas cidades de Pelotas e Capão do Leão¹. Somam-se a essa investigação outros objetivos, tais como, estudar o panorama da educação integral no Brasil, identificar e discutir os conceitos sobre ensino da Arte na atualidade, e avaliar o Programa Mais Educação como proposta de aprendizagem.

Na concepção de Severino (2007), os referenciais teóricos metodológicos são instrumentos dos quais o investigador se apoia para conduzir a pesquisa e o raciocínio para dar conta do fenômeno a ser abordado. E, a partir desta concepção que delimito alguns referenciais que utilizei no percurso da monografia.

Arslan e Iavelberg (2013) integram o ensino de arte e a sensibilização do aluno que responde as atividades de acordo com a aprendizagem da proposta. Já Efland (2005) destaca que aprofundar o campo da imaginação, ou seja, instigar a imaginação das crianças é o que motiva a criação em arte.

Através do Manual Operacional de Educação Integral (2013) que é possível apreender as leis e obrigações do ensino integral, enfatizando o Mais Educação como proposta integral. Já os Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte (1998) é o que baseia o ensino de arte no país, desde obrigações a propostas disciplinares.

Em termos de metodologia, o estudo se caracteriza por uma abordagem qualitativa descritiva que para Minayo (2004) se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações humanas e suas ações.

A prática em campo de atuação foi desenvolvida no Programa Mais Educação – Artes, com alunos de 2 escolas estaduais, sendo uma do município

¹ Pelotas e Capão do Leão são cidades situadas na região sul do Rio Grande Sul. Capão do Leão é emancipada da cidade de Pelotas desde 1984.

de Pelotas e outra em Capão do Leão, durante o primeiro e segundo semestre do ano de 2014. Na escola do Capão do Leão foi aplicada em 3 turmas com faixa etária entre 9 – 15 anos e na escola de Pelotas em 1 turma com faixa etária de 6 – 9 anos.

Dentro das oficinas mediei atividades artísticas e desenvolvimento de conteúdo em arte como suporte de observação e avaliação das funcionalidades do Programa. Observei também o desenvolvimento dos alunos, participação nas propostas, reflexão e estudo da aprendizagem como forma de investigar a aplicação das oficinas de arte no Programa Mais Educação.

Esta monografia está subdividida nos seguintes capítulos: capítulo 2, “O Programa Mais Educação – da Legislação a Prática” do qual compõe “O Ensino Integral e a Proposta do Governo Federal” no qual é analisado o ensino integral desde suas leis governamentais até suas aplicações no Programa Mais Educação; o capítulo 3, “A Ação de uma Arte/Educadora no Mais Educação” se divide em “Antecedentes de uma Primeira Experiência na Arte/Educação” que trata do Ensino e Arte como experiência pessoal e como alicerce do processo de Arte/Educação, e “Relatos de uma Ação: O Mais Educação e a Questão do Ensino da Arte na Atualidade” finalizando a experiência nas oficinas vinculadas ao Programa, o processo, as atividades e a reflexão.

Capítulo 2. O Programa Mais Educação – da Legislação à Prática

2.1 O Ensino Integral e a Proposta do Governo Federal

O Programa Mais Educação é estruturado como proposta de ensino integral na escola, ou seja, uma estratégia do Ministério da Educação para ampliar a jornada escolar e organizar o currículo escolar. No momento em que as escolas de redes públicas de ensino municipais, estaduais ou federais aderem ao Programa Mais Educação, optam por desenvolver atividades em macrocampos, ou seja, eixos integradores (BRASIL, 2013).

Esses eixos se dividem em acompanhamento pedagógico, educação ambiental, esporte e lazer, direitos humanos em educação, cultura digital, promoção da saúde, comunicação e o uso de mídias, ciências da natureza, educação econômica e cultura e artes, no qual se encaixa o Ensino de Artes (BRASIL, 2013).

É um programa que promove oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas, com participação dos familiares, sob o apoio da escola e dos professores, pois a educação integral, associada ao processo de escolarização pressupõe a aprendizagem conectada ao cotidiano das crianças, adolescentes e jovens.

O Programa Mais Educação articula ações direcionadas a promover a aprendizagem entre os alunos, estas ações englobam as seguintes orientações:

- I. contemplar a ampliação do tempo e do espaço educativo de suas redes e escolas, pautada pela noção de formação integral e emancipadora; II. promover a articulação, em âmbito local, entre as diversas políticas públicas que compõem o Programa e outras que atendam às mesmas finalidades; III. integrar as atividades ao projeto político-pedagógico das redes de ensino e escolas participantes; IV. promover, em parceria com os Ministérios e Secretarias Federais participantes, a capacitação de gestores locais; V. contribuir para a formação e o protagonismo de crianças, adolescentes e jovens; VI. fomentar a participação das famílias e comunidades nas atividades desenvolvidas, bem como da sociedade civil, de organizações não-governamentais e esfera privada; VII. fomentar a geração de conhecimentos e tecnologias sociais, inclusive por meio de parceria com universidades, centros de estudos e pesquisas, dentre outros; VIII.

desenvolver metodologias de planejamento das ações, que permitam a focalização da ação do Poder Público em territórios mais vulneráveis; e IX. estimular a cooperação entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios (BRASIL, 2011, p. 2-3).

O Programa se baseia na integração do aluno em atividades extracurriculares compreendendo como o apoio para disciplinas do currículo escolar e realizações de oficinas recreativas contribuindo com a educação integral dos jovens, nas quais inclui a participação da comunidade dentro da escola.

Segundo o Decreto nº 7.083/2010, a educação integral abrange como o direito de aprender inerente ao direito à vida, à saúde, à liberdade, à dignidade, e interage com a peculiaridade do desenvolvimento de cada criança, adolescente ou jovem (BRASIL, 2013).

A Educação Integral está presente na legislação educacional brasileira e pode ser apreendida em nossa Constituição Federal, nos artigos 205, 206 e 227; no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 9089/1990); na Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394/1996), nos artigos 34 e 87; no Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.179/01) e no Fundo Nacional de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Básico e de Valorização do Magistério (Lei nº 11.494/2007) (<http://portal.mec.gov.br/>).

A educação integral volta a ser valorizada, como possibilidade de formação integral da pessoa, através da Lei nº 10.172, de janeiro de 2001 que institui o Plano Nacional de Educação (PNE). O PNE vai além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) apresentando a educação em tempo integral como possibilidade no Ensino Fundamental e Ensino Infantil. Além de ampliar a jornada escolar e promover a participação da comunidade na gestão da escola (BRASIL, 2013).

A educação integral cria múltiplos espaços de aprendizagem, além da sala de aula, são gerados ambientes educativos espalhados dentro do próprio colégio como estímulo a explorar novos espaços e aprendizagem, valendo de todos os esforços para trazer o aluno ao conhecimento, sensibilização e

desenvolvimento crítico, estabelecendo autonomia para sua aprendizagem (GADOTTI, 2009).

O projeto Mais Educação trata o Programa de tempo integral mais como um período em que o aluno passa na escola, ou seja, que ele se encontra dentro dos limites da escola. A Escola Pública deveria ser integral, integradora e integrada, com isso, integrar projetos ecológicos, integrar o cotidiano da comunidade e etc., se apropriar de experiências vividas na escola para transformá-las em processos de reflexão.

A educação integral também propõe ações além da escola, com a participação da família e do bairro, cria um arranjo educativo conectando a escola com a comunidade através da ampliação de jornada escolar, abrindo as portas da escola, mediando ações de cultura, esporte, lazer e desenvolvimento social.

Quando os pais, mães, ou seus responsáveis, acompanham a vida escolar de seus filhos, aumentam as chances da criança aprender. Os pais precisam também continuar aprendendo. Se qualidade de ensino é aluno aprendendo, é preciso que ele saiba disso: é preciso “combinar” com ele, envolvê-lo como protagonista de qualquer mudança educacional. O fracasso de muitos projetos educacionais está no fato de eles desconhecerem a participação dos alunos (GADOTTI, 2009, p. 53).

Os responsáveis são parte importante da educação integral, pois a maior parte do que é aprendido é originado de fora da escola, a família é a primeira comunidade de aprendizagem, é preciso pensar nos espaços, no entorno da escola, para oferecer a integração com a sociedade.

As escolas precisam estar preparadas para esse ensino, possuir estrutura, acompanhar o desenvolvimento do Programa, organizando seus professores com a nova política integradora, se sua elaboração não for cuidadosamente arranjada, pode vir a falhar.

O direito à educação não se reduz ao direito de estar matriculado na escola. É direito de aprender na escola. Sabemos que é no interior das salas de aula que devemos medir os efeitos de qualquer projeto educacional, de qualquer política educacional, verificando quanto os alunos aprenderam (GADOTTI, 2009, p. 52).

A escola com educação em tempo integral deve seguir alguns objetivos, segundo Gadotti (2009), entre eles estão: educar para a cidadania, criar hábitos de estudo e pesquisa, suprir a falta de opções oferecidas pelos pais ou familiares e ampliar a aprendizagem dos alunos além do tempo em sala de aula. Com esses objetivos básicos é possível iniciar a implementação da educação integral em uma escola visando melhorar a aprendizagem dos alunos, ampliando o espaço de conhecimento em conjunto com a comunidade.

A educação integral contribui com o desenvolvimento no entorno da escola, pois busca descobrir potencialidades da comunidade que a cerca através das atividades sociais, culturais, políticas e educativas. Ela é um princípio pedagógico no qual o ensino das disciplinas se desenvolve com a educação emocional e a formação da cidadania (GADOTTI, 2009).

A partir do desdobramento de ensino integral, observei alguns aspectos relevantes sobre o Programa Mais Educação, que aparecem como um incentivo às políticas sociais, ações socioeducativas para uma melhor aprendizagem dos alunos.

Esses aspectos incluem apropriar-se de espaço e tempo educativo nas escolas, para uma formação integral e emancipadora do aluno; promover mediações entre comunidade e escola; contribuir para a formação do aluno; organizar participações da família e da comunidade nas atividades desenvolvidas; gerar conhecimento através de novas tecnologias; e a sensibilização do olhar (BRASIL, 2013).

Desses itens descritos, destaco a sensibilização do olhar, por se tratar da área de Arte. Esse microcampo encontra-se anexado a um macrocampo que se denomina “Cultura, Artes e Educação Patrimonial” que se caracteriza por:

Incentivo à produção artística e cultural, individual e coletiva dos estudantes como possibilidade de reconhecimento e recriação estética de si e do mundo, bem como da valorização às questões do patrimônio material e imaterial, produzido historicamente pela humanidade, no sentido de garantir processos de pertencimento ao local e à sua história (Manual Mais Educação, 2013, p. 29).

O macrocampo divide-se em: brinquedos e artesanatos regionais, criação e confecções manuais como manifestação da cultura popular; canto coral para aprimorar a técnica vocal, expressar-se com liberdade, integrar-se socialmente e culturalmente; capoeira como motivação para o desenvolvimento afetivo e emocional; cineclube, história do cinema, linguagem e cidadania audiovisual; contos para incentivar a prática de leitura; danças, com apropriação de ritmos, expressão corporal e socialização; desenho com introdução a linguagem visual, processo criativo; escultura/cerâmica abrangendo o desenvolvimento intelectual e experimentações estéticas; etnojogos, com diversidade etnocultural; literatura de cordel, literatura, interpretação e improvisação; música trabalhando em grupo e cooperação, senso crítico e autonomia; pintura ato de criação e experimentação; percussão criação de instrumentos musicais e técnica instrumental e por fim, teatro como processo de socialização (BRASIL, 2013)².

Dentro dessas divisões as escolas acolhem as que melhor encaixam para o perfil de seus alunos ou nas quais acham mais coerentes para a infraestrutura e suporte de monitores. Essa relação de macrocampos interage como rizomas³, ao longo do período que é implantando no Programa, alguns se desviam e outros se juntam a formarem um novo campo significativo (BRASIL, 2013).

Por exemplo, desenho e pintura em apenas uma oficina, de forma a desenvolver esses dois campos ao longo de um período, também há a possibilidade de interação entre áreas distintas como música e literatura, a desenvolver um novo campo interdisciplinar para a ampliação da aprendizagem.

A prática interdisciplinar pressupõe uma desconstrução, uma ruptura com o tradicional e com o cotidiano tarefeiro escolar. O professor interdisciplinar percorre as regiões fronteiriças flexíveis onde o "eu" convive com o "outro" sem abrir mão de suas características,

² Esse macrocampo “Cultura, Artes e Educação Patrimonial” descrito no documento, integra um pequeno grupo do desenvolvimento intelectual em Arte. A Arte abrange educação estética, artes sensoriais, educação do olhar, experiência estética, mediação, sensibilização, entre outras características conceituais relevantes. É importante perceber a amplitude que se refere o macrocampo no documento e falta de características mais sensíveis à Arte.

³ Ramificações não dicotômicas, labirintos sem começo ou fim, sistema de atalhos e desvios, lugar de encontro das previsibilidades. Existe de acordo com diferentes trocas, uma multiplicidade de conexões (DELEUZE; GUATTARI, 2000).

possibilitando a interdependência, o compartilhamento, o encontro, o diálogo e as transformações. Esse é o movimento da interdisciplinaridade caracterizada por atitudes ante o conhecimento (TRINDADE, 2008, p. 82).

A interdisciplinaridade, com isso, estrutura o programa para novos caminhos de reflexão e intervenção entre os eixos integradores, encaminhando os alunos a serem conscientes de suas ações e aprendizagens, permitindo a comparação entre realidades diferentes e instigantes (TRINDADE, 2008).

Essa consciência de ação do aluno pode ser estimulada através da relação escola/comunidade, com possibilidade de abertura da escola para ações educativas. Essa ação promove o exercício da cidadania aos alunos, uma aproximação comunitária para o reconhecimento e troca de novos saberes.

O Programa Mais Educação como premissa fortalece a integração escola/comunidade, ampliando oportunidades de acesso a cidadania, contribui para a redução da violência escolar e vulnerabilidade social. Essa interação se baseia na solidariedade, no respeito e nas atividades voluntárias, criando um diálogo dos alunos com o entorno de sua escola (BRASIL, 2013).

O currículo faz parte da base do Programa Mais Educação e deve ser estruturado num processo de seleção de saberes, fazeres e conteúdos sociais e historicamente construídos pela escola. As propostas devem dialogar com os jovens, interagir os saberes trazidos do seu cotidiano, mediando sua autonomia para que eles façam suas próprias escolhas de aprendizagem (BRASIL, 2013).

Com isso, o grande desafio é conseguir fazer com que os alunos sejam inseridos no mundo de novas aprendizagens e que sejam instigados mais significativamente ao ensino. A escola deve dar o caminho para a apropriação do conhecimento, é nesse momento que como professora agrego conhecimentos e criatividade para levar um processo de aprendizagem coerente a meus alunos.

As ações do Programa devem abrir novos diálogos entre os alunos e seus professores de forma a viabilizar mudanças no cotidiano, um caminho para expandir a apreensão de novos conhecimentos, dessa forma o Programa Mais Educação oferece atividades diferenciadas e específicas, dependendo da necessidade de cada aluno.

Para a realização do Programa, deve haver formação de turmas, com estudantes de idades e séries diferentes, a critério da coordenação em parceria com os monitores, preferivelmente que sejam escolhidos monitores ligados à educação, estudantes de licenciatura ou professores aposentados, que recebem uma ajuda de custo, estipulada pelo governo, ou seja, R\$80,00 por turma monitorada (BRASIL, 2013).

As atividades realizadas pelo Programa são todas custeadas pelo Governo Federal, através de uma verba disponibilizada pela escola, recursos que podem ser utilizados para oficinas em geral, passeio fora da escola, custeio de aparelhos eletrônicos em geral. Além da verba, o governo disponibiliza para os monitores e coordenação do Programa, em seu site, sugestões de atividades em todas as áreas, com orientação para o desenvolvimento de oficinas (BRASIL, 2013).

Analiso que os alunos são seres simbólicos, sendo capacitados a criar símbolos e interpretar o mundo a nossa volta por sistemas de representação posso, como professora, elaborar e objetivar cada experiência, transformando em sentido cultural.

A oficina de Arte dentro do Programa tem a possibilidade de estruturar o aluno para a sensibilização do olhar, ajudando-os a interpretar a aprendizagem que recebem. A arte é uma forma de criação de linguagem e toda linguagem artística é um modo de refletir o seu sentido no mundo, o trabalho no Programa estimula a linguagem a atuar na nossa mente e coração (MARTINS, 1998).

É necessário que a cultura estética cultive a sensibilidade, exerce o crítico e o sensível do fazer artístico. A arte requer leituras interdisciplinares, resgatando procedimentos de produção e leitura simbólica que possibilita os enraizamentos e desenraizamentos, no qual o enraizamento é quando o ser humano cria raízes, exerce uma participação efetiva na comunidade e as influências externas servem como estímulo (MEIRA, 2014).

É com essa experiência estética, afetiva e cidadã enraizada que me deparo com a vontade de sensibilizar os alunos mesmo que este seja um longo caminho como tem sido a minha própria experiência em arte.

Capítulo 3. A Ação de uma Arte/Educadora no Mais Educação

3.1 Antecedentes de uma Primeira Experiência na Arte/Educação

Desde pequena me lembro de conviver com uma madrinha professora e uma tia pintora, durante toda minha infância convivi, participei e escutei muitas histórias tanto relacionadas à arte quanto a educação. Acho que esse foi o passo inicial para meu interesse tanto nas artes quanto na educação. A figura de professora e principalmente lutadora que minha dinda sempre teve projetou na minha vida uma vontade muito grande ser educadora e em conjunto das aulas de pintura que fiz com minha tia dos 9 aos 17 anos, foi o que me permitiu mergulhar no universo da arte e me direcionou ao lugar que estou agora.

Nesses mesmos anos de aulas de pintura não construí uma base em artes através das aulas escolares, pelo contrário, me desmotivei muito ao longo do tempo. No ensino fundamental em um colégio municipal de Pelotas que estudei, passei pela disciplina de artes e criei uma imagem negativa das professoras que convivi, principalmente pelo excesso de desenho livre e matéria teórica.

Passava o período inteiro desenhando com caneta hidrocor no caderno de artes e preenchendo com lápis de cor desenhos criados pela minha imaginação que normalmente eram montanhas e sol. Pois essas montanhas e o sol eram bem aceitos para a professora. Passei também por muitas folhas mimeografadas, que desde o início do ano ao final passavam por coelhinho da páscoa, índio, soldado, cuia de chimarrão entre todos os outros estereótipos direcionados as crianças em festividades.

No ensino médio cheguei ao ponto de abandonar toda minha sensibilidade para a arte que foi mediada por minha tia e devido à desmotivação, como opção pessoal me afastei da pintura e me dediquei só à preparação para ingressar na Universidade Federal de Pelotas, RS.

Desde que me graduei no curso de Artes Visuais Licenciatura, sou apaixonada tanto pela profissão de professora como possibilidade de ser artista, claro que com o decorrer dos anos passamos por situações ruins e boas tanto

no curso como na sala de aula e quando estava por concluir o último ano de graduação me deparei com o fato de que como aluna, era necessário buscar outras possibilidades de formação.

Independente das lacunas em minha graduação alcancei uma parte de minha formação devido aos bons professores que influenciaram positivamente minha prática de educadora, ou seja, minha profissão de professora de artes. Desde o princípio do curso, era obstinada a entrar na prática de estágio curricular e com isso, no início me liguei ao grupo de extensão “Projeto Arte na Escola: O Ensino de Arte em Pelotas”, no qual ministrava oficinas de arte em escolas públicas de Pelotas. Mesmo que sem prática ainda, foi enriquecedor e decisivo para eu reafirmar minha escolha de arte-educadora, pois a experiência me deu a oportunidade de mediar à experiência estética aos alunos de ensino fundamental. Com o término do curso até hoje continuo com a certeza que a área escolhida é a minha vida e minha paixão.

Construí ao longo do meu caminho como aluna um ideal de professora que tento buscar e me moldar com o que venho aprendendo durante meu percurso como arte-educadora, tendo em vista uma educadora estruturada por uma formação coerente, nutrida pela paixão de lecionar e criativa. E a melhor maneira de se manter ativa, criativa e coerente na profissão de arte-educadora é com a formação continuada, pois uma professora estagnada torna suas atividades ultrapassadas e desinteressantes.

Tendo em vista os quatro anos de graduação, passei por muitas experiências positivas, tanto com bons professores que me ajudaram no aprendizado como as amizades que fiz. Um episódio em especial que marcou bastante foi relacionado à disciplina de Artes Visuais na Educação II, do 5º semestre da graduação no ano de 2011, no qual deveríamos desenvolver oficinas em grupo para futuramente serem aplicadas na sala de aula, o que viria a ser o evento “Arteiros do Cotidiano”. Um dos grupos de colegas usou uma performance se utilizando de um grande lençol no qual todos participaram e percorreram todo o prédio do Centro de Artes e as ruas, foi incrível como as pessoas na rua se disponibilizaram a participar daquele momento.

No processo de formação dos anos que passei no Curso de Artes Visuais Licenciatura consegui me adaptar aos recursos que tive disponível como formação, tendo em vista que minha formação não foi baseada apenas no que faço na sala de aula, mas também com a busca pela formação complementar na prática em escolas, extensão e pesquisa o que foi um bom suporte para minha preparação como educadora de arte.

Contudo, tenho preocupações como arte-educadora, principalmente dentro das escolas. A nossa área que algumas vezes é pouco visada pelos diretores de escolas e talvez pelo sistema hierárquico, aliada à falta de preparo dos professores que com a falta de experiência ingressam nas escolas com a formação limitada e pouco estimulados pela formação continuada. Também pelas poucas oportunidades dentro do sistema escolar de desenvolver um bom trabalho, tanto pelo excesso de carga de trabalho como por ainda se tratar de uma disciplina considerada decorativa pelas coordenações das escolas.

Claro que é possível desenvolver bons trabalhos como arte-educadora, mas com um apoio maior do sistema escolar talvez acarretasse em uma aula de maior qualidade e com mais sentido do que presenciamos nas escolas. Trabalhar com uma turma sem estruturas, defasada de materiais, com pouco espaço para desenvolver trabalhos sensíveis, sendo engessada por parte dos conteúdos programáticos das escolas, complica para uma aprendizagem de qualidade.

Essa desatenção à preparação do currículo escolar torna muitas vezes os alunos desinteressados em relação à arte e ao fazer artístico, confusos com a falta de estrutura escolar. E por mais que em um ano com esses educandos seja possível fazer um bom trabalho, o número de horas/aula semanais disponibilizadas para artes sempre podem limitar o projeto desenvolvido.

Acredito que muitas mudanças são possíveis, iniciando com o aumento da carga horária para as aulas de artes, com iniciativa das direções das escolas para elaborar e abrir as portas para projetos, com professores reflexivos e preparados para integrar o cotidiano das crianças com atividades criativas.

As mudanças devem começar por nós educadores, muitas transformações já foram feitas como a implantação da disciplina de artes como obrigatória nas escolas, essa ação tem que servir de incentivo para quem está entrando agora na profissão com a tentativa de mudar nossas salas de aula.

Se chegarmos ao momento em que não conseguirmos mudar leis maiores ou não conseguirmos o aumento da carga horária semanal, cabe a nós trabalhamos dentro do possível para transformar as salas de aula, lutarmos por projetos no turno inverso, com ensino integral, com responsabilidade por sensibilizar o olhar do maior número de alunos possíveis e só com trabalho e dedicação isso é possível.

Na educação escolar é preciso um estímulo vindo de dentro da sala de aula para se desenvolver os alunos e é através da arte-educação que o aluno libera sua imaginação e criatividade. Esse estímulo não desenvolve apenas a arte e criatividade, mas também a capacidade do aluno de reconhecer e se defrontar com seus problemas e problemas cotidianos.

Com a criatividade vem junto a sensibilidade, o senso de criticidade e construção de seus objetivos e ideais, a criança que cresce com esse estímulo se torna mais capaz de reconhecer e confrontar seus problemas quando adulto. A arte como proposta na sala desenvolve a habilidade de percepção e não de reprodução, uma criança não estimulada cresce um adulto que não saberá mudar suas características criativas, será sempre o mesmo, o igual, a reprodução.

Há muitas formas de se instigar a criação na sala de aula o principal é o professor estar sempre procurando formas de ensinar, sempre buscando inovar, criar, com jogos, linguagem visual, desenho, pois qualquer desenho possui um significado, uma mensagem e para haver a leitura dessa mensagem precisa-se de uma comunicação visual.

A partir desse estímulo e quando o professor considera as características do lugar em que vivem e a cultura de seus alunos, a atividade ganha muito mais sentido, pois favorece a continuidade do percurso de criação pessoal.

Com isso, os alunos se sentem mais motivados e a criação se torna mais enriquecida e estimulante. É importante que os alunos apreendam o espaço, se apropriem do cotidiano, fazendo com que através de materiais e técnicas os alunos possam expressar seus saberes sobre a arte conhecendo e tornando mais presente e significante em seu cotidiano.

Após minha formação como arte-educadora na graduação fui buscar a realidade da sala de aula, a partir do emprego de professora, especificamente como professora de artes em escolas particulares.

Neste processo ministrei aulas no ensino fundamental para 5^a série, 6^º ano e 7^a série durante o último trimestre de 2013, em uma escola particular na cidade de Pelotas, RS.

Durante o trimestre, para a turma de 5^a série trabalhei linguagem visual através de aulas teóricas e práticas de cores, figura, fundo, ponto, linha, plano, formas, tons, policromia, monocromia, textura e o básico de perspectiva com trabalhos de experimentação com tintas e diversos materiais, utilizando a cultura visual como base dos processos.

Ao 6^º ano ministrei Arte Moderna Brasileira, passando pela Semana de Arte Moderna e artistas expoentes do período através de trabalhos práticos e aulas teóricas de História da Arte bem como leitura de obras de arte, utilizando releitura de obras com diversos materiais.

Já para a 7^a série foi trabalhado algumas Vanguardas artísticas como Cubismo, Surrealismo, Futurismo e Expressionismo, todas com aula teórica e prática e apresentação de artistas dos movimentos. Foi trabalhado também leitura de obra de arte e atividades que incluíam pintura, escultura e desenho.

Após esses meses lecionando na escola pude perceber algumas obrigações do um professor de arte dentro da escola, como decorações de festividades, entre outras atividades vinculadas a arte, mas que não condizem com a arte-educação.

Nas três turmas fui muito bem recebida, as atividades desenvolvidas contribuíram a meu ver com a sensibilização das crianças, consegui aplicar as propostas, interagir, fazer com que eles partissem da reflexão e crítica através

de seus trabalhos. No fim de 2013 acabei saindo da escola para me dedicar aos estudos de minha formação complementar.

No ano de 2014 com a aprovação na Especialização em Artes Visuais achei necessário intercalar com o estudo a profissão em que me graduei. Encontrei o Programa Mais Educação, no qual já tinha conhecimento, ingressei então como professora/monitora de artes em duas escolas estaduais, sendo uma em Pelotas/RS e outra no Capão do Leão/RS. Nesse período que inicia os relatos a seguir.

3.2 Relatos de uma Ação: O Mais Educação e a Questão do Ensino da Arte na Atualidade

Vivemos em um momento de ofertas culturais generosas em termos estéticos e a arte choca-se com a cultura produzida e reproduzida na escola. E desde que a estética surgiu como reflexão sobre a arte, causou conflitos de ordem racionalista, pois trouxe questões de corporeidade e interações entre o homem e o mundo. Hoje o estético é diário devido a alta percepção imagética e por nada mais ser tão representativo esteticamente do que a imagem (MEIRA, 2014).

A escola deve incentivar a comunicação entre as diversas áreas do saber e a busca das relações entre os campos do conhecimento deve haver uma ligação entre o saber e o aprender, isto é, uma transdisciplinaridade que é a prática do que une, é o que não separa o múltiplo e o diverso no processo de construção do conhecimento (PETRAGLIA, 2011).

Conforme minha experiência no Programa Mais Educação, o trabalho na escola do Capão do Leão foi desenvolvido a partir de oficinas com três turmas, entre elas T1, T2 e T3, das quais se referem por média de idade. O T1 trata de alunos de 1º a 4º ano do ensino fundamental (entre 6 e 9 anos), o período realizado de oficina é de 3 horas ininterruptas; T2 alunos de 5º e 6º ano do ensino fundamental (entre 9 e 12 anos), também com 3 horas ininterruptas e T3 com alunos do 7º ano do ensino fundamental (entre 13 e 15 anos).

As oficinas contavam com disponibilidade de uma sala de vídeo, a biblioteca e uma sala de aula disponível apenas pela tarde. Para o projeto, os materiais deveriam ter em quantidades suficientes para todos os alunos, pois se trata de um Programa Federal, com verbas suficientes para materiais e custos de oficinas, mas infelizmente por não acontecer o programado, na maioria das aulas faltavam materiais.

Nas oficinas do Programa foi possível desenvolver atividades variadas, mas não terminá-las, inclusive com teatro, mesmo sem possuir essa formação. Nos meses iniciais foi possível desenvolver algumas atividades, proporcionando o que uma aula de artes deveria desenvolver e de acordo com suas idades referenciais, tendo uma consciência do papel como professor e as consequências da carreira escolhida.

Quando falta ao professor uma consciência clara de sua função e uma fundamentação consciente de arte como área de conhecimento, a escola perde insubstituível oportunidade de formar alunos em uma área de saber essencial à compreensão da pessoa, do espaço, de emoções e tempos em que se vive e a formação completa do cidadão (ANTUNES, 2010, p. 34).

O professor de artes consciente produz e reflete de acordo com a reflexão de seus alunos, um aprendizado em conjunto, mediando à arte ao educando para entender o cotidiano em que ele vive. Um professor reflexivo de sua própria ação, forma alunos reflexivos e sensibilizados para o mundo e foi com essa expectativa que foi possível realizar as oficinas na escola.

Durante o processo de elaboração artística, o educando (autor do trabalho de arte) vivencia uma situação, em que ele exercita a criação, integrando outras ações, como pensar sobre ela, sobre o uso de matérias, de técnicas e encontrar caminhos para concretiza-la. Ao produzir seu trabalho o educando desenvolve então uma linguagem própria, mas para que ocorra de fato a constituição dessa linguagem, deve ocorrer outro evento, uma comunicação, ou seja, considerar ainda quem a vê (FERRAZ e FUSARI, 2009, p.28-29).

Algumas propostas deste projeto fizeram parte do que se chama de professor consciente, porém em algumas se comprova o porquê do sistema de projetos de ensino nem sempre funcionar como o esperado.

Em época de Copa do Mundo (mês de junho) deveria se ter duas semanas de oficinas dedicada a Copa no Brasil, como primeira proposta realizei uma conversa sobre a bandeira do Brasil, cores, formas, representação e a partir dessa conversa foi pedido que os alunos começassem a produzir sua própria bandeira, desconstruindo a bandeira original, construindo uma nova, com ideias próprias de representação do país.

No mesmo dia no qual foi aplicada essa proposta, após o final da aula foi exigido, por parte da coordenação, a montagem de cartazes sobre a copa, do qual deveria estar incluso, o mascote, a bandeira, a camisa da seleção, entre outros símbolos, impressos e xerocados, fornecidos pela escola, para as crianças pintarem e colarem. O material disponível deveria ser usado para a montagem dos cartazes e decoração dos corredores.



Fig. 1 – Cartaz montado pelos alunos da turma T3 para festividades da Copa do Mundo. Fonte: acervo particular.

Nesse processo é possível perceber dois limiares: o total descaso do significado de oficina de arte para um projeto de cunho tão importante para as crianças da comunidade; e da tentativa do professor de conscientizar os alunos que o fazer artístico é capaz de construir e apresentar sentimentos e refletir sobre o próprio estar no mundo.

No primeiro, o descaso da coordenação com a qualidade de ensino de arte dos alunos, no qual os estereótipos de bandeiras usadas nos cartazes foram escolhidos pela padronização, cores definidas, fazendo com que a oficina de arte perdesse seu objetivo.

Toda produção artística, independente da idade, possui uma dimensão objetiva e subjetiva (ANTUNES, 2010) e o fazer e interpretar significam coisas diferentes, resultam uma reflexão e apreciação para cada um. Experimentar, investigar e explorar diversidades e possibilidades é o que articula a percepção, imaginação, reflexão e emoção da criança, retirar esse processo, exclui o sentido do ensino de arte.

O que se espera é que o aluno possa enriquecer suas experiências artísticas e estéticas mediadas pelo professor e que com isso consiga refletir sobre seu processo, mas o que ocorre são falhas em um sistema hierárquico que se preocupa em preencher lacunas com quantidade e impressos e não qualidade em um processo mais demorado.

Educar, no sentido que o termo exige, é desenvolver, cultivar, fazer brotar, elevar, fazer crescer, não de maneira unilateral, mas de forma integral, para que o educando possa ser o cidadão honrado que todos desejam encontrar na sociedade da qual fazemos parte. E para que se atinja esse grandioso objetivo será preciso, antes de tudo, duas premissas básicas: amor e autoeducação (FREIRE, 2000).

A educação sem um propósito de ir um pouco mais além é uma ideia vazia e estreita e pode sempre se tornar instrumento de manipulação dos poderes sociais. A educação do afeto é a meta. Os alunos que mais decepcionam hoje poderão ser aqueles que mais alegrias nos trarão no futuro. Basta investir tempo e dedicação a eles (FREIRE, 2000).

O ensino da arte está evoluindo, devido às mudanças ocorridas na educação, na arte e na sociedade no último século. Com isso, tomo consciência das transformações vividas pelo ensino da arte, aonde vinculo a imagem como uma aliada para repassar o ensino na sala de aula.

Em segundo momento, é possível observar que após o término das bandeiras pelos alunos, e o desenvolvimento da decoração da escola, passando desde os cartazes até bandeiras para decoração de corredores, os alunos imediatamente pediram para voltar à criação de suas próprias bandeiras junto do questionamento do “porque bandeiras xerocadas para a decoração e não as que a gente ‘tava’ fazendo (aluno da turma T2, 06/2014)”.



Fig. 2 – Bandeiras do Brasil sendo feitas pelos alunos da turma T2, desconstrução e construção.
Fonte: acervo particular.

É possível perceber essa reflexão por parte dos alunos e também a desmotivação que eles sentem ao passar por situações de desvalorização do próprio trabalho artístico.

Autoestima não se promove afirmado que o aluno faz e pensa em arte é ótimo. Ele se sentirá confiante em relação a sua arte apenas na medida em que aprender de modo significativo: fazendo, interpretando, refletindo e sabendo contextualizar a arte como produção social e histórica (ARSLAN e IAVELBERG, 2013, p. 9).

Compreende-se, então, que o papel do professor de arte também é promover essa autoestima muitas vezes perdida por descaso da hierarquia

política da escola e também saber organizar e dirigir situações de aprendizagem, estruturar e desenvolver dispositivos de diferenciação, envolver os alunos em uma leitura e compreensão do mundo e criar uma capacidade de argumentação e diálogo.

Através deste trabalho de desconstrução da bandeira do Brasil foi possível observar como cada educando cria sua obra e interage com os colegas, principalmente por alguns desses alunos estarem tendo os primeiros contatos com uma aula de arte. Neste sentido os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) especificam a contribuição que o educador consolida ao orientar uma prática espontânea com os alunos, tornando a aula um ambiente mais afetivo, contribuindo com a segurança do educando ao lidar com uma nova experiência.

Arte e estética quando praticadas de forma tradicional produzem alienação, a práxis estética possibilita a arte e a estética como construção humana (MEIRA, 2014).

No estético encontra-se a possibilidade de perceber e pensar sobre tudo aquilo que qualifica a experiência humana, porque essa qualificação é o resultado da integração de todas as capacidades humanas para dialogar com o meio. O meio ambiente, qualificado pela experiência estética, deixa de ser uma simples materialidade, convertendo-se num potencial e diversificado universo de relações significativas (MEIRA, 2014, p. 113).

Sem a mediação estética, o fazer artístico e o conhecimento em arte ficam desarticulados. “O exercício da cultura exige a interação entre estética, ética e política em todos os campos do saber (MEIRA, 2014, p. 113).” Para olhar o mundo é importante haver reciprocidade, é importante perceber que ele produz imagens.

Outra experiência que é importante citar, diz respeito à Festa Junina da escola, como fazendo parte de processo cultural. Foi iniciado o trabalho de festa junina contando sobre a história da festividade, algumas histórias de São João, bandeirolas, cores e símbolos, apresentação de obras de diferentes artistas, como Bispo do Rosário e Volpi e como proposta a criação de bandeiras próprias de São João.

Com isso, levei os alunos a experimentarem diversidades e possibilidades de diferentes linguagens artísticas, articulando a imaginação, percepção, reflexão e emoção, conectando o aprendido com a realidade do mundo em que vive e em que busca viver.

Essa experiência novamente foi cancelada para a realização dos processos de colar cartazes com bonecos de São João xerocados, bandeiras de jornal, entre outras características decorativas escolares e novamente os alunos refletiram sobre suas bandeiras criadas e as que ali estavam decorando a escola.

O modelo tradicional de educação do século XX, no qual modelos e métodos adultos eram aplicados às crianças, sendo uma educação que vinha de fora para dentro, não valorizando a experiência e a pureza da criança é o que aconteceu nas festividades escolares (ROSSI, 2002).

Abordando a complexidade e a educação de uma forma geral analisando as diferentes situações dos fundamentos da complexidade e as situações educacionais que são desenvolvidas nas escolas. Considero que a emoção tem grande relevância no processo de aprendizagem vivenciado diariamente nas escolas.

É importante refletir sobre as crises da humanidade a fim de participarmos das decisões sociais e políticas como cidadãos sociais, culturais e terrestres, assegurando nosso direito e a possibilidade de intervenção, transformação e reconstrução. Incentivar esse direito de cidadania é função de toda organização de aprendizagem e de todas as linguagens, quer artísticas, racionais ou empíricas. O que fazia os alunos chegarem a uma reflexão, então, muitas vezes era engessado e substituído por trabalhos mecanizados de pintar as folhas mimeografadas.

No meu ideal de mundo o saber não é estanque, é mutante e desenvolvido, é compartilhado e não egoísta. A ideologia consiste, então, em compreender que toda vida social e, portanto, histórica, é essencialmente prática e consiste na atividade, no trabalho e na ação dos homens com a natureza e com os outros homens.

A ideologia é uma representação das realidades. É decisiva a relação do homem para com a natureza, para com as decisões materiais da sua existência. Não são as ideias filosóficas, religiosas, políticas e científicas que são consideradas como as forças motrizes da história e sim as necessidades materiais dos homens e, ainda não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência (SEVERINO, 1986).

Outra proposta que vale destacar nessa pesquisa foi uma atividade com fotografia que apresentei, a partir de etapas, dentre elas a fotografia e sua história, como manusear aparelhos que fotografam até a proposta aplicada em si.

Como percebi que os alunos da turma T3 com idades entre 13 e 15 anos tinham extremo interesse por celulares e fotografia e é claro notando que todos possuíam algum aparelho que fotografava, criei uma proposta de mediação dos alunos com sua própria comunidade através da fotografia.

Para Meira (2014) as imagens visuais nas artes correspondem a formas de questionamento, ao que se esconde no fundo das aparências, no que não se pode olhar diretamente. A imaginação, então, assume uma força estratégica, um poder de mutação, ajuda a desvendar essa aparência das imagens visuais.

Pode-se ampliar esse poder estratégico da imaginação com aprendizagens de um fazer criador com autoria, que possibilite a construção de imagens/síntese, [...] nos quais uma imagem é, também, um corpo de ideias, uma posição política sobre o contexto, um recorte ético sobre valores, um mapa de sentidos sobre algo que se aprendeu (MEIRA, 2014, p. 104).

Através das artes postais de Paulo Bruscky, me inspirei e tomei como referência seu processo, o artista conceitual é brasileiro, de Recife, nascido em 1949 e usou a arte postal como meio de carregar sua obra com intenso conteúdo político como forma de protesto ao governo na década de 70⁴.

O artista usou processos artísticos junto à escrita e imagem em seus postais e através do correio, como forma de burlar a censura no período da

⁴ Biografia disponível em: <https://www.carbonogaleria.com.br/obra/a-arte-ainda-e-a-ultima-esperanca-226#biografia>.

ditadura os distribuía, através dessa ideia de criação, distribuição e reflexão é que organizei a proposta de Arte Postal.

Antes de sair com os alunos para fotografar, mostrei um panorama de Arte Postal e algumas imagens de obras do artista Paulo Brusky, dentre elas estavam: *Título de eleitor cancelado, 1980* (fig. 3) e *Da descoberta: um vôo pela arte correio, s. d.(fig. 4)*.

A imagem produz formas de comunicação, que tendem a corresponder a experiências simbólicas, construção de sentidos e significados. E é através da contextualização na vida do sujeito que a imagem pode traduzir valores humanos, tornando-se mediadora entre o imaginário individual e social. A imagem deve ser trabalhada unindo o cognitivo ao afetivo e vinculando esses à cultura, de forma que a sensibilidade crie e transforme o cotidiano de quem a recebe (MEIRA, 2014).



Fig. 3 – Paulo Brusky, Título de eleitor cancelado, 1980. Fonte:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br>.



Fig. 4 – Paulo Bruscky, Da descoberta: um vôo pela arte correio, s. d. Fonte:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br>.

Com autorização dos pais e da direção, levei-os ao entorno da escola, no qual todos os alunos moravam, com objetivo de que eles fotografassem o que os interessava e apresentaríamos as imagens através do datashow para selecionarmos e conversarmos sobre cada escolha. Após seriam feitos postais com a ajuda de todos para distribuição e exposição para uma festividade da escola.

Não é possível dialogar com sentimentos, sensibilidades e reflexões sem acesso à criação de imagens. “No fazer da arte, a plasticidade se configura de elementos materiais e imateriais, unindo sensibilidade e formas de pensamento que se ajustam ao imaginário (MEIRA, 2014, p. 105)”. A reflexão acerca do que envolve a contemporaneidade é o que dá sentido a uma estética do cotidiano, articulando imagens espontâneas e programadas por vários tipos de mediação.

A experiência de fotografar com alunos na sua comunidade foi muito gratificante, pois cada um em sua individualidade criou um vínculo com suas preferências cotidianas, desde paisagens até casas familiares. Cada aluno fez

questão que eu como professora fosse apresentada à suas famílias e casas, que conhecesse o cotidiano de cada um.

A habilidade para a leitura estética cresce acumulativamente com a evolução dos alunos, iniciando por um ponto de vista egocêntrico e ingênuo levando em conta apenas o conhecimento pessoal, posteriormente o leitor usa um conhecimento mais geral, e por fim interage com o conhecimento estético (ROSSI, 2002).

As questões estéticas das artes visuais não englobam apenas gostos, as pessoas têm crenças sobre a arte, adquirem conceitos que formam uma estrutura conceitual e os usam para explicar a arte para si, pensando em âmbito pessoal e são diretamente ligadas a imagem.

Para (HERNÁNDEZ, 2013) a cultura visual é um ponto de encontro entre o que seria um olhar cultural (visualidade) e as práticas de subjetividade. Esse ponto permite aprofundar as relações entre artefatos da cultura visual e aquele que observa, ou seja, são os relatos visuais que constroem o visualizador. A partir desse encontro é possível perceber uma posição que surge da cultura visual na educação, é que a cultura visual é os objetos e artefatos visuais do nosso cotidiano, sendo relevantes as relações que mantemos com eles.

A cultura visual possibilita o uso da imagem além da ilustração de uma narrativa, ela possibilita que a imagem entre como geradora de conhecimento ao relacionar e revelar os problemas presentes no cotidiano. Há então, a possibilidade da imagem como uso pedagógico.

Essa proposta ajuda a contextualizar o olhar, a refletir sobre práticas críticas, explorar as experiências. Então o papel do educador pode ir além de transmissor de práticas aos estudantes, mesmo que a escola tenha adotado essa prática. A proposta pode explorar os lugares de ruptura e possibilitar construir projetos para que todos aprendam com sentido e a construir experiências do saber (HERNÁNDEZ, 2013).

Fui levada a diversos lugares, paisagens, conhecendo pessoas e cotidianos que enriqueceu minha relação com cada um, além da atividade proposta de fotografar ter inspirado a sensibilidade em cada um e ter

proporcionado o meu contato com a vida deles, as fotografias ficaram especiais e com isso, foi possível uma reflexão por parte dos alunos e uma reflexão do meu olhar sobre eles.



Fig. 5 – Fotografia clicada pela aluna Isabela da turma T3. Fonte: acervo particular.



Fig. 6 – Fotografia clicada pela aluna Jennifer da turma T3. Fonte: acervo particular.



Fig. 7 – Fotografia clicada pelo aluno Matheus da turma T3. Fonte: acervo particular.



Fig. 8 – Fotografia clicada pelo aluno Ryan da turma T3. Fonte: acervo particular.



Fig. 9 – Fotografia clicada pelo aluno Uriel da turma T3. Fonte: acervo particular.

É a partir da ética que se implica a escolha, o apropriar-se da imagem para que se ajuste a plasticidade dos sujeitos. Nesse contexto, então, a educação do olhar torna-se um recurso, uma forma de humanização, servindo como dispositivo para a cidadania. Essa educação utiliza imagens do cotidiano como estudo estético da arte e da cultura (MEIRA, 2014).

As figuras 5, 6, 7, 8 e 9 correspondem às fotos selecionadas pelos alunos após a conversa em sala de aula, houve então uma fruição por parte do grupo que participou da atividade. Nas semanas seguintes montamos com recursos dos computadores da escola postais com cada fotografia selecionada.

Através dos vários significados de leitura estética usados para se referir a análise da arte, me deparo com conceitos com mesmo sentido, com isso o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) utiliza “apreciação significativa”, se referindo a convivência, contato sensível, observação, percepção, reconhecimento e experimentação da leitura de elementos de arte, mas a palavra priorizada é a fruição, que é o entendimento do sentido da arte que é analisada, segundo o PCN a contemplação de uma ação forma a fruição (ROSSI, 2002).

Podemos considerar que leitura e apreciação são sinônimos, sendo decorrentes de interpretação, dependendo da forma que for lido será interpretado de formas diferentes, a leitura de obras é individual é pura para uma criança, por exemplo, mas interpretar é significar e esse significado surge do leitor (ROSSI, 2002).

Por esta oficina fazer parte do Programa Mais Educação, para possibilitar a impressão destes era necessário se fazer orçamentos com finalidade de selecionar o que estivesse compatível com o dinheiro disponível no Programa, após eu ir atrás de valores, levei-os até a coordenação do Programa que me pediu um prazo e em seguida vetou a proposta de impressão. As figuras 10 e 11 correspondem a dois modelos de postais montados pelos alunos.



Fig. 10 – Postal montado pelos alunos da turma T3. Fonte: acervo particular.



Fig. 11 – Postal montado pelos alunos da turma T3. Fonte: acervo particular.

Infelizmente essa proposta não pode ser finalizada da forma esperada, principalmente por já se estar no fim de 2014 quando foi pedida a impressão e com isso, uma parte do processo não foi feito. Para os alunos que esperavam pela exposição e distribuição de seus postais foi desestimulante, mas o processo até a montagem instigou a criatividade, experimentação, reflexão e sensibilização que cabe a uma aula de arte.

O que se entende por Programa Mais Educação é que deveria trazer cultura e cidadania para dentro da escola, aproximar mais esses alunos a passarem o turno integral com atividades coerentes, mas o que se vê são professores e alunos se desmotivando pela falta de liberdade de criação e reflexão, alunos que desistem das oficinas de outras disciplinas porque os professores se entregam ao processo de escolarização tradicional, muitas vezes por cansaço ou pressão da escola, ou seja, existe uma ação mecanizada da educação que não é o que se deseja trabalhar.

Não é possível, com isso, pensar na educação para cidadania ou uma educação com função de construir sujeitos, sem a educação estético-visual. Todas as relações estéticas dependem da sua percepção e da consciência imaginária sobre o sentido da relação estética. O pensar, agir, interagir através das imagens, ajuda a construir a aprendizagem e o conhecimento (MEIRA, 2014).

Na segunda escola, situada na cidade Pelotas, a turma é única, com alunos de 1º a 4º ano do ensino fundamental (entre 6 e 9 anos). Nessa escola o Programa possui sala própria do Programa Mais Educação, armários preenchidos com materiais para todos os alunos, são trabalhadas duas manhãs e uma tarde totalizando cinco horas de aula.

Essa escola trabalha de maneira diferenciada com os monitores, de forma que de dois a três monitores aplicam oficinas ao mesmo tempo na mesma aula, apenas dividindo em grupos a turma, o que muitas vezes atrapalha o trabalho de algum dos monitores. Infelizmente a falta de espaço nas escolas para atividades de horário integral como o Programa Mais Educação prejudica a qualidade dos

trabalhos desenvolvidos, esse espaço deveria ser repensado de forma a proporcionar uma melhor qualidade aos alunos.

Na escola em Pelotas também ocorrem várias atividades em conjunto entre os monitores e nesse momento poderia de alguma forma se explorar a interdisciplinaridade estabelecendo uma interação entre essas disciplinas, que por consequência tornaria a aprendizagem muito mais estruturada e rica para os alunos.

A interdisciplinaridade didática tem como objetivo básico articular o que prescreve o currículo e sua inserção nas situações de aprendizagem. É o espaço de reflexão do fazer pedagógico e sobre ele, planejando e revisando estratégias de ação e de intervenção, o que ainda não é o suficiente (JOSÉ, 2008, p.86).

A interdisciplinaridade seria uma possibilidade de explorar as dificuldades de espaço de forma a compartilhar conceitos de várias disciplinas, uma atitude que integraria um trabalho diversificado de professores ainda não formados e formados, ultrapassar o conceito de oficina tematizada e ingressar em um mundo mais rico e transformador.

Mas a interdisciplinaridade não é o alvo da escola e sim uma atuação conjunta de professores de diferentes áreas para suprir datas festivas da escola. Em todas as tentativas de progredir em atividades da área, apenas foi possível iniciar trabalhos e em poucos terminá-los, pois sempre há um cronograma “cultural” que num todo ocupa o período das aulas semanais, uma constante pressão por mostrar atividades inerentes à data festiva para a direção escolar.

Essas atividades são orientadas pela coordenação do Programa, sem opção de mudanças, um cronograma específico de trabalhos que devem ser cumpridos sem variação. Com isso, algumas tentativas de trabalhos com os alunos e algumas atividades do cronograma serão especificadas para um melhor entendimento do processo do Programa Mais Educação na escola.

A primeira tentativa de trabalho iniciou com uma proposta de máscaras africanas sendo apresentado um panorama da história da arte africana, artistas que se utilizavam de influência para produção e imagens de obras diversas.

Posteriormente foi apresentada a técnica de papietagem, processo e exemplos. Na aula seguinte foi possível fazer papietagem em balão para que os alunos interagissem com a técnica antes que de fato produzissem as máscaras, o grupo de alunos que começou a papietagem em balões, não era o mesmo da aula sobre as máscaras, devido a constante mudança de grupos entre os professores.



Fig. 12 – Produção de papietagem em balões. Fonte: acervo particular.



Fig. 13 – Produção de papietagem em balões. Fonte: acervo particular.

O trabalho foi iniciado em uma semana, na seguinte não foi possível terminar, pois a coordenação do Programa pediu que iniciassem os trabalhos para a Copa do Mundo, que consequentemente seriam cartazes com símbolos, bandeiras nas cores padronizadas, xerocadas com o mesmo processo da escola anterior.

Nesse contexto relembramos “Os Quatro Pilares da Educação Mundial”, proposta na conferência mundial de Educação em 1990, pela UNESCO, dos quais segundo Antunes (2010) representam os quatro pontos de uma educação de qualidade e que aqui no Brasil ainda é pouco desenvolvido.

Esses quatro pilares da Educação Mundial foram amplamente divulgados, mas em nosso país, ainda sobrevivem mais como “intenções” do que como meta definida e enfoque preciso que todos, em todas as escolas, de todos os lugares do país, devem buscar (ANTUNES, 2010, p.61).

Os Quatro Pilares da Educação Mundial então focam: “ensinar a conhecer; ensinar a fazer; ensinar a compartilhar; e ensinar a ser;” (ANTUNES, 2010, p. 62 e 63) novamente se percebe o que representa uma educação de

qualidade, escrito na década de 90 e que até hoje a educação brasileira muitas vezes não consegue suprir nem um dos pilares visados pela educação mundial.

Como um projeto que é criado para melhoria da educação pode se sustentar se nem ao menos supri um dos pilares de educação. Sem o *ensinar conhecer*, consequentemente os alunos não conseguiram acompanhar o *fazer*, o *compartilhar* e principalmente o *ser*.

A proposta e reflexão sobre o próprio trabalho do aluno, com o propósito de conseguir acompanhar a sua evolução, em conjunto com o processo do fazer e compreender a importância do pensar e refletir sobre o próprio trabalho, não existe no Programa.

Para Lanier (1984) a prática de produzir e refletir devem estar aliados ao projeto pedagógico, com isso, mobilizando o estudante a vivenciar e conceituar as atividades estéticas de forma mais planejada. Mas no contexto das escolas não é possível chegar à proposta final.

Já para Guerra, Martins e Picosque (2009) para que o aluno tenha a possibilidade de poetizar, fruir e conhecer o campo artístico é necessário que o professor possibilite um pensamento visual, a leitura de estruturas de linguagem, conhecer e manusear diferentes materiais e entender o processo. E para tudo é necessário um espaço para o professor interagir com os alunos, conhecê-los, nutrindo esteticamente o olhar de cada um, mas essas atitudes não existem por parte da coordenação do Programa, se nota que a coordenação apenas engessa o propósito do ensino de artes.

Outra atividade que vale destacar foi uma proposta de composição com colagem após uma aula de figura e fundo, o trabalho visava à criatividade, percepção e imaginação, pois na arte a imaginação acima de tudo deve se tornar o principal objeto de estudo.

Isso acontece nas atividades em que indivíduos criam trabalhos de arte, e a imaginação desempenha um papel na interpretação desses trabalhos. Aprofundar o campo da imaginação e do papel que pode ter na criação de significados pessoais e na transmissão da cultura torna-se o ponto e o propósito para se ter artes na educação (EFLAND, 2005, p. 341).

Para instigar a imaginação, o professor oferece suporte técnico para o aluno enfrentar possíveis obstáculos até sua criação, o ajudando a pensar e construir seu trabalho e é nesse processo que requer um professor orientador que incentive, ensine o aluno, através de um acompanhamento individual.

Com isso, o aluno fará escolhas com liberdade e com propriedade, com atitude positiva e transformadora, o que de fato falta no Programa é o espaço necessário para o professor ter essa liberdade com seus alunos. Se o Mais Educação prima por ensino e cidadania, é necessário que de alguma forma a interação entre a coordenação e os professores/monitores esteja em harmonia, pois o principal afetado nessa estrutura de obrigações é o próprio aluno.

Uma educação composta apenas de informações mecanicistas, sem reflexões e sem participação efetiva e interessada da criança só faz diminuir o potencial deste jovem. Com efeito, o que pode valorizar a atividade criadora são a manutenção da *experiência sensível* da criança e um domínio da realidade [...] (FERRAZ e FUSARI, 2009, p. 94).

Essa tentativa de experiência do sensível mais uma vez foi engessada, o trabalho teve o processo interrompido, perdendo novamente o propósito, pois a próxima data comemorativa estava próxima - Festa Junina - e como a disciplina de artes é a responsável pela decoração da escola, já havia metros e mais metros de TNT (Tecido Não Tecido) à espera das crianças para a decoração dos corredores da escola com as bandeirolas.

Essa atividade teve participação de todas as disciplinas do Programa Mais Educação. Durante duas semanas as crianças fizeram bandeiras de TNT, cartazes de cartolinhas com desenhos xerocados e para finalizar, foi dado início a um tapete de retalhos, do qual os professores recortavam retalhos e os alunos amarravam os tecidos para formar um grande tapete para exposição. Além da preparação de bancas e brincadeiras da Festa Junina, das quais estavam sob responsabilidade também do Mais Educação.

O processo desenvolvido pela coordenação do Programa não possui propósito nem clareza curricular, não percebe a arte com autonomia e criticidade, não percebe o desenvolvimento do senso estético que a arte traz aos

alunos, nem a interação que eles desenvolvem com o meio social, a arte os prepara para o mundo e para serem sujeitos do processo histórico (FERRAZ e FUSARI, 2009).

A criança em seu ambiente natural já participa de práticas sociais e culturais, principalmente na escola, o período escolar é o principal meio social que as crianças desenvolvem suas experiências, tanto educacionais, como psicológicas, e com o Programa Mais Educação essas experiências sociais expandem.

Em horário integral a escola tende a oportunizar a cidadania aos alunos e familiares e para Almeida (2005) a educação escolar é entendida como um instrumento de formação da cidadania e esse desenvolvimento está relacionado com a participação que o indivíduo tem no processo de produção cultural.

Entende-se então que atitudes de engessamento educacional como visto nestas escolas, desencadeiam alunos desmotivados, o objetivo do professor de arte continua sendo conduzir a aprendizagem e vai continuar mesmo com os percalços impostos pelas políticas escolares.

Independentemente de ainda não ter sido possível realizar algumas atividades na escola de Pelotas, foi feito o possível para se chegar a uma reflexão final. Mesmo com processos interrompidos, os alunos tiveram oportunidades de finalizar seus trabalhos.

Esse é o papel de uma educação e de um educador que se pretende: complexo, ético e solidário. Uma educação complexa nasce da necessidade de investigar os novos modelos diante do questionamento de padrões e fragmentos tão comuns nos séculos anteriores, que é onde inicia o desenvolvimento técnico e científico e a valorização da especialização (PETRAGLIA, 2011).

Com a arte os educandos serão ajudados a estruturar o pensamento estético e sensível, e a parte disso, o desafio do professor é esse: burlar um sistema intransigente e conseguir consolidar novos saberes.

Considerações Finais

A partir da trajetória e processos durante a participação do Programa Mais Educação, foi possível observar as funcionalidades que o Programa dispunha como recurso de ensino integral às crianças envolvidas no Mais Educação. As leis governamentais deixam a desejar como propósito de educação integradora, pois agregam as horas de turno inverso como processo de práticas desestruturadas, com pouco recurso e desconexas das disciplinas escolares.

As escolas que o Programa foi implantado, as que pude participar, sofreram com a falta de estrutura, indisponibilidade de salas de aula. Em uma das escolas houve falta de recursos para materiais e merendas, na outra escola mesmo tendo uma sala específica só para o Programa Mais Educação, não era suficiente, pois a mesma era partilhada entre várias disciplinas.

As leis do governo criam expectativas de promover oportunidade de educação, de interdisciplinaridade, cidadania com a participação da comunidade, mas o que se viu nas escolas trabalhadas é a falta de apoio do governo, baixo recurso financeiro, descaso com as escolas que representam o Programa.

Quando o Programa Mais Educação é aplicado como proposta na escola, a promoção da aprendizagem deveria ser o objetivo do projeto, mas não é incluído como proposta, no caso de letramento, ainda é possível incorporar a aprendizagem, mas quando se trata da oficina de artes é visível a descredibilidade dada à arte como cultura e educação estética.

A contemplação do tempo e espaço educativo como proposta do Ministério da Educação não promoveu a integração das atividades curriculares, não tratou o aluno como protagonista daquela aprendizagem disponível, apenas criou espaços em turno inverso para distração dos alunos em oficinas que muitas vezes eles não possuíam interesse, mas compareciam por obrigação de presença para o Programa Bolsa Família.

Além da ampliação da jornada escolar, a educação integral deveria promover a participação da comunidade na escola, o que na maioria do ano letivo não aconteceu, a comunidade só teve participação como público

espectador em datas festivas, como festa junina, dia de festa de fim de ano, quando foram convidados a assistirem danças de quadrilha e a prestigiarem cartazes de natal.

Penso que, a partir de um processo organizador de autoconhecimento seja possível construir uma identidade educacional do saber e que a capacidade de aprender ligue o desenvolvimento ao conhecimento, usando sempre as influências culturais a favor da educação. A parceria entre a teoria e a prática é fundamental para que o educador transforme sua ação em uma práxis pedagógica transformadora.

Apesar das leis governamentais não conseguirem ser coerentes com a realidade escolar e a falta de apoio do sistema educacional com o Programa, elencar alguns aspectos positivos é coerente para melhor compreensão das tentativas de funcionamento da oficina de artes do Programa nas escolas trabalhadas.

Na escola localizada no município de Capão do Leão, trabalhei durante algumas semanas com Arte Abstrata nas turmas T1 e T2, conversamos sobre abstracionismo, os alunos tiveram a oportunidade de pesquisar sobre o assunto nos computadores da escola, levei artistas diversos e nas últimas aulas de abstracionismo convidei-os a criar uma obra em conjunto.

Na experiência utilizado um retroprojetor, lâminas com reprodução de obras abstratas da escolha deles, papel pardo e tintas acrílicas (material próprio). Eles operaram o retroprojetor ampliando as obras no papel pardo que estava colado na parede, a partir dessa imagem eles escolhiam partes para traçar com lápis, de várias obras diferentes, em seguida retiravam da parede e começavam o trabalho de pintura coletiva.



Fig. 14 – Produção de Arte Abstrata dos alunos da turma T2. Fonte: acervo particular.



Fig. 15 – Produção de Arte Abstrata dos alunos da turma T3. Fonte: acervo particular.

Tanto o trabalho, como a experiência estética e o ato de trabalhar coletivamente fez que eles refletissem sobre o processo e criassem vínculos uns com outros que não existia antes, por serem de turmas diferentes. Considero

essa experiência como uma das melhores tanto para os alunos quanto para mim professora de artes.



Fig. 16 – Arte Abstrata produzida pelos alunos da turma T2. Fonte: acervo particular.

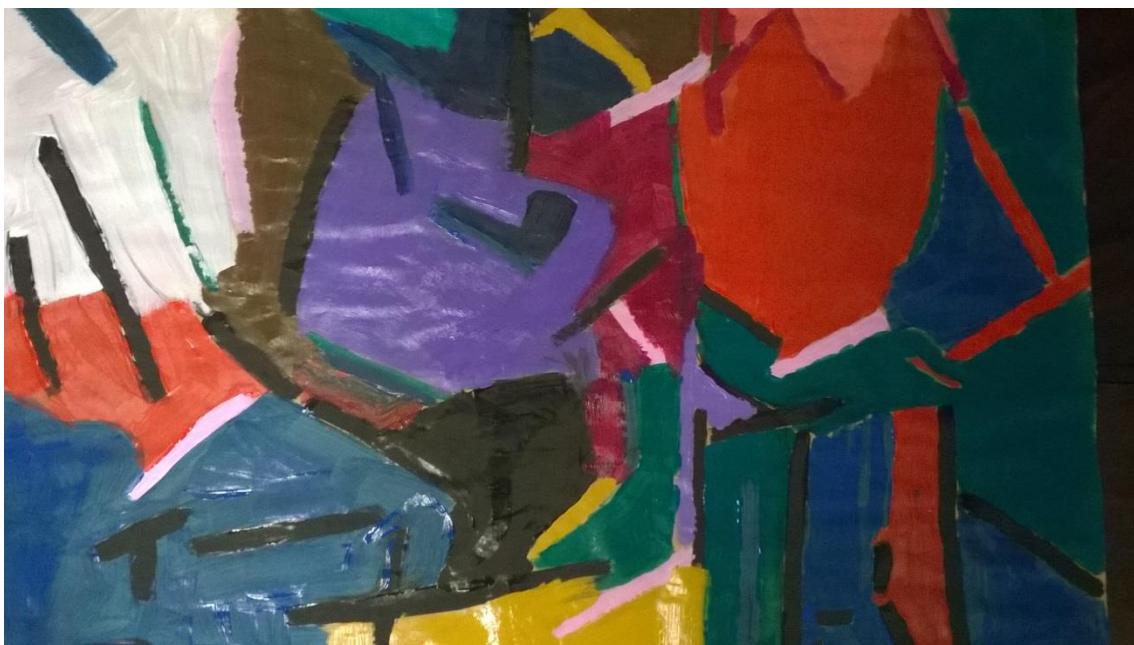


Fig. 17 – Arte Abstrata produzida pelos alunos da turma T3. Fonte: acervo particular.

A imagem como reprodução das obras de arte foi utilizada para dar sentido a uma proposta que aprofundava a educação estética e que para ser concluída deveria haver uma união entre os alunos, atenção à experiência que se estava desenvolvendo e disposição para libertar-se dos modelos tradicionais.

Eles refletiram sobre seu processo estético com uma proposta simples e gratificante, naquele momento de experiência e criatividade, não apenas a arte estava intrínseca, mas também o afeto e a cidadania. Houve uma apreciação significativa ao estabelecer o vínculo com o sensível do seu próprio trabalho, sentindo-se artista naquele momento de reflexão e imaginação. Essa experiência estética, então, fez com que eles compartilhassem sentidos.

Após o término do ano letivo, foi possível perceber a importância da proposta de aprendizagem do Programa Mais Educação para as crianças, principalmente com as oficinas de arte. Independente dos problemas ocorridos na trajetória do ano de 2014 é importante pensar no desenvolvimento estético que os alunos participantes obtiveram.

É importante pensar que de alguma forma, como professora de arte, fiz o possível para desenvolver um trabalho de qualidade na oficina e que o pouco que consegui no processo foi gratificante, se consegui em algum momento transformar a sensibilidade de um aluno, já é o suficiente para continuar projetando meus trabalhos como arte-educadora.

O arte-educador provoca, instiga os discursos e atos na sala de aula, ele media a relação entre a arte e a vida dos alunos, motiva e catalisa expressões e emoções, oportuniza que seu aluno perceba o outro e seu estar no mundo. Com esse projeto de Arte Abstrata foi possível relacionar todas essas ações de arte-educadora e estabelecer um lugar comum entre os alunos, à arte e a sensibilidade.

O papel da arte como desenvolvedora da sensibilidade oportuniza o ato de sentir, de refletir de vivenciar, com isso, os alunos alcançaram uma experiência estética transformadora e essa experiência mobilizou a consciência de cada um.

Acredito que com a revisão das leis do governo federal para o Programa Mais Educação, maior interesse dos governos com a educação, adequação das escolas para receber esse projeto, organização tanto curricular como estrutural é possível, sim, fazer uma educação integral de qualidade. Assim como tive a oportunidade de desenvolver a educação estética com meus alunos, outros professores/monitores desenvolverão uma educação transformadora a seus alunos no Programa Mais Educação.

Referências

ALMEIDA, J. L. V. de. **As armadilhas da cidadania.** 2009. Disponível em:
http://proformar.pt/revista/edicao_11/cidadania.pdf Acesso em: 15 de agosto de 2014.

ANTUNES, C. **Arte e Didática.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

ARSLAN, L. M.; IAVELBERG, R. **Ensino de Arte.** São Paulo: Cengage Learning, 2013.

BRASIL. **Manual da Educação Integral em Jornada Ampliada para Obtenção de Apoio Financeiro.** Brasília: Ministério da Educação, 2011.

BRASIL. **Manual Operacional de Educação Integral.** Brasília: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capital e esquizofrenia.** Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2000. 94 p.

EFLAND, A. D. Imaginação na cognição: o propósito da arte. In: BARBOSA, A. M. (Org). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais.** São Paulo: Cortez, 2005. P. 318 – 345.

FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, M. F. de R. **Metodologia do Ensino de Arte: fundamentos e proposições.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GADOTTI, M. **Educação Integral no Brasil: Inovações em processo.** São Paulo: Editora e Livraria Paulo Freire, 2009.

GUERRA, M. T. T.; MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Teoria e Prática do Ensino de Arte: a língua do mundo.** 1^a ed. São Paulo: FTD, 2009.

HERNÁNDEZ, F. Pesquisar com Imagens, Pesquisar sobre Imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação.** 1^a ed. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 77 – 95.

JOSÉ, M. A. M. Interdisciplinaridade: as disciplinas e a interdisciplinaridade brasileira. In: FAZENDA, I. (Org.). **O Que É Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. P. 85-95.

LANIER, V. Desenvolvendo a Arte à Arte-Educação. In: FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, M. F. de R. **Metodologia do Ensino de Arte: fundamentos e proposições.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1984. p. 28-32.

MEIRA, M. R. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, A. D. **A Educação do Olhar no Ensino das Artes.** 8^a ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 101 – 120.

MARTINS, M. C. Quatro Letras: A língua do mundo. In: MARTINS, M. C. **Didática do Ensino de Arte: Poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MINAYO, M. L. et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PETRAGLIA, I. **Edgar Morin: A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber.** 13^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ROSSI, M. H. W. Leitura Estética. In **Imagens que Falam: Leitura de Arte na Escola.** 5^a ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 13 – 24.

SEVERINO, A. J. **Educação, Ideologia e Contra Ideologia.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 5^a reimpressão, 2005.

_____. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TRINDADE, D. F. T. Interdisciplinaridade: Um novo olhar sobre as ciências. In: FAZENDA, I. (Org.). **O Que É Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. P. 65-83.

Sites:

Educação integral. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br> Acessado em: 15 de janeiro de 2015.

Programa Mais Educação. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16690&Itemid=1115 Acesso em: 16 de agosto de 2014.

_____. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br> Acessado em: 19 de agosto de 2014.

Programa Mais Educação Passo a Passo. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf.
Acessado em: 19 de agosto de 2014.